

O COTIDIANO NA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE LANA DE SOUZA CAVALCANTI: UM DIÁLOGO COM AS FORMAS-CONTEÚDO

Mikael Rodrigues de Araujo¹

Resumo: O *cotidiano* vem sendo estudado e utilizado de modo significativo nas análises, produções bibliográficas e práticas de ensino da geografia no Brasil. A obra de Lana Cavalcanti aponta algumas tendências e instrumentos conceituais relacionados a essa discussão, além refletir debates do *cotidiano* em emergência na produção do conhecimento geográfico brasileira nos anos de 1990. Nesse sentido, trazemos para este artigo os elementos da obra de tal autora que atravessam a composição teórico-conceitual do *cotidiano*. Para tanto, iremos colocar tais elementos em diálogo com o método das formas-conteúdos do *cotidiano* visando identificar e colocar em movimento o modo como o *cotidiano* é trabalhado na produção bibliográfica de Lana Cavalcanti.

Palavras-chaves: Cotidiano; Lana Cavalcanti; Formas-conteúdo; Brasil.

THE *DAILY* IN THE BIBLIOGRAPHICAL PRODUCTION OF LANA DE SOUZA CAVALCANTI: A DIALOGUE WITH FORMS-CONTENT

Abstract: The daily is studied and used in a significant way in analyzes, bibliographic productions and teaching practices of geography. The work of Lana Cavalcanti points out some trends and conceptual instruments related to this discussion, in addition to reflecting on everyday debates emerging in the production of Brazilian geographic knowledge in the 1990s. In this sense, we bring to this article the elements of the works of such an author that cross the theoretical-conceptual composition of everyday life. To do this, we will put these elements in dialogue with method of forms-contents of daily life aimed at identifying and setting in motion the way in which the daily is worked in the bibliographic production of Lana Cavalcanti.

Keywords: Daily; Lana Cavalcanti; Forms-content; Brazil.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, gostaríamos de alertar aos leitores que iremos ser minuciosos na introdução visando situar a análise da obra de Cavalcanti no contexto e conjunto das pesquisas que estamos amadurecendo. Além disso, a análise de tal obra será situada no contexto mais amplo de debates em emergência da geografia brasileira, uma vez que, as pesquisas elaboradas em um determinado momento histórico são influenciadas pelas discussões do seu contexto. Visando detalhar esse processo a

¹ Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Email: mikaelrodrigues@usp.br.

introdução se divide em duas partes: uma referente às problemáticas acerca do *cotidiano* e a construção do método e a outra referente a como o método será utilizado para analisar a obra de Cavalcanti.

Desde a década de 1990, o debate do *cotidiano* na geografia brasileira vem se configurando, especialmente nas linhas de pesquisa da geografia urbana e no ensino de geografia, como um nível indispensável da realidade espacial. O avanço das pesquisas sobre o *cotidiano* a partir do contexto citado nos coloca diante de problemáticas que envolvem as bases teórico-metodológicas utilizadas para o debate do *cotidiano* e perante ao que estamos nos referindo quando usamos o *cotidiano* no corpo de nossas pesquisas.

Estamos explorando estas duas dimensões no conjunto de nossas investigações (ARAUJO, 2020, 2021a, 2021b). Nelas, apontamos que, por um lado, a reafirmação do campo do ensino de geografia, na década de 1990, como construtora de conhecimento geográfico a partir da vivência escolar e do aluno fez com que o nível da *vida cotidiana* fosse cada vez mais trabalhado na geografia brasileira; e simultaneamente, por outro lado, o avanço da sistematização das pesquisas localizadas na obra de Henri Lefebvre contribuíram para a crescente utilização do *cotidiano*.

O entrelaçamento destas duas linhas de pesquisas na geografia brasileira fizeram com que o *cotidiano* fosse cada vez mais trabalhado nas investigações de diferentes temáticas, como iremos demonstrar a partir da obra de Cavalcanti. Contudo, na medida em que a utilização do *cotidiano* nas bibliografias geográficas avançava, ele passava cada vez mais a ser trabalhado de diferentes maneiras. A busca pela identificação destas diferentes maneiras nos proporcionaram construir o método das formas-conteúdo do *cotidiano*.

O *cotidiano* enquanto *forma* tem o seu registro do ponto de vista da escrita e/ou da realidade concreta na medida que descreve uma situação vivida. Por exemplo, nas seguintes frases: o *cotidiano* da metrópole e o *cotidiano* da cidade Brejo do Piauí-PI, tanto na escrita quanto na realidade concreta estamos colocando uma *forma* no que estamos entendendo como *cotidiano*. Se isolarmos o *cotidiano* como *palavra*, o significado dela aparecerá como qualquer coisa envolvendo o vivido, porém quando colocamos a *palavra cotidiano* no contexto de uma frase e/ou de uma realidade qualquer que a mesma descreve, inserimos *conteúdos* a partir da particularidade sobre a *forma* como o *cotidiano* é trabalhado.

Na linguagem, cada palavra tem um sentido, isto é, um conteúdo. Na maioria dos casos, a palavra é empregada sem que o conteúdo esteja plenamente presente ou explícito. E o conteúdo de certas palavras de uso muito corrente (democracia, Estado, nação, indivíduo, consciência, humano, etc.) revela-se simultaneamente tão confuso e tão rico que sua explicação parece desencorajar a maioria dos próprios especialistas nesse tipo de pesquisa, até que surjam homens [ou mulheres] particularmente lúcidos e corajosos, que abordam os problemas teóricos e práticos implicados por esses termos. Até esse momento, são utilizados sem muitas precauções, e o caráter vago de seu sentido serve a muitas iniciativas – políticas, ideológicas, filosóficas – altamente contestáveis (LEFEBVRE, 1975, p. 132).

Nessa linha de raciocínio, através de práticas de ensino e análise de textos, construímos o movimento das *formas-conteúdos* nas quais o *cotidiano* é trabalhado nas bibliografias geográficas. Iniciaremos com a forma-conteúdo mais simples do *cotidiano* para demonstrarmos os avanços na sua composição teórica-conceitual. Assim, não se trata de um mapeamento quantitativo das vezes que o *cotidiano*

aparece nas bibliografias; trata-se de uma identificação da *forma* como o *cotidiano* é trabalhado e como os seus *conteúdos* (no caso da análise da obra de Cavalcanti) vão avançando a composição teórica-conceitual. Isso não significa que iremos utilizar todas as vezes em que aparece o *cotidiano* sendo trabalhado na obra de tal autora, mais sim que iremos atravessar, a partir das hipóteses aqui levantadas, a forma-conteúdo de como o *cotidiano* é trabalho em sua obra.

Assim, como apresentado, inserimos significados ao *cotidiano* quando relacionamos a *palavra cotidiano*, a forma-conteúdo mais simples, à materialidade do seu contexto. Lencioni (2014), ao elucidar o desenvolvimento da construção do conceito de região na geografia, parte da premissa que todos nós temos uma ideia do que seja região. A autora coloca que, mesmo no senso comum, as pessoas têm uma noção do seu significado, isto é, quando escrevemos ou falamos a região da cidade do Brejo do Piauí-PI, as pessoas tem uma ideia do que se trata *região*. Esse processo é denominado de *conhecimento regional*, aquilo que pode ser apreendido na relação mais imediata com a realidade vivida pelos sujeitos.

Nessa linha de raciocínio, em diálogo com Lencioni (2014), chegamos a forma-conteúdo do *conhecimento cotidiano*. Percebamos que, aqui, estamos diante de um avanço da composição teórica-conceitual do significado do *cotidiano* e, nesse momento da sua compreensão, estamos colocando em tensão o significado literal da palavra e o conteúdo da realidade concreta dos indivíduos em uma determinada particularidade espacial. Ou seja, o conteúdo do *conhecimento cotidiano* não advém de pesquisadores que vão em uma determinada espacialidades, que pouco conhecem através da pesquisa, levantamento de dados, entrevistas, entre outros, e intitula o *cotidiano* alheio com o conteúdo que o interessa.

O *conhecimento cotidiano* tem uma maleabilidade que ocorre entre o sentido da *palavra cotidiano* e o significado dos conteúdos atribuídos ao *cotidiano* pelos sujeitos sociais que vivenciam as particularidades espaciais de uma determinada localização. Desse modo, são estes sujeitos os principais autores da composição teórica-conceitual dessa forma-conteúdo do *conhecimento cotidiano*. Assim, a leitura dos sujeitos sobre o próprio *cotidiano*, aparentemente insignificante, adquire significância e movimento teórico-metodológico.

Esta forma-conteúdo que emerge a partir da prática do sujeito social adquire uma situação geográfica para a compreensão mais imediata. Dessa maneira, o *cotidiano* inclina-se a ponto de considerarmos o seu nível como base para o entendimento do que consideramos os conceitos-chaves da geografia: paisagem, região, território, lugar, espaço, entre outros. Aqui, há um avanço na composição teórico-conceitual do cotidiano em direção ao que estamos colocando como *abordagem*. Nessa forma-conteúdo, o nível do *cotidiano* serve como 'trampolim' para a compreensão e construção dos conceitos-chaves da geografia.

Com isso, os *conteúdos* das particularidades do *cotidiano* se ampliam na medida que a espacialidade é investigada a partir dos conceitos-chaves da geografia. Dessa maneira, chegamos a um limbo das formas-conteúdo de *categoria* e de *conceito*. A forma-conteúdo da primeira emerge quando partimos de um método para a investigação do que estamos entendendo ou nos baseando para conceituar o *cotidiano* - autores, conceitos, perspectivas metodológicas e outros, que fazem parte da agregação de *conteúdos* à *forma* como cotidiano é trabalhado nesse momento.

Já a respeito do *conceito*, partimos de Henri Lefebvre (1983) para a compreensão da sua forma-conteúdo. Este autor coloca que, na construção conceitual, existe uma relação entre a presença daquilo que queremos conceituar (no caso, o *cotidiano*) e, ao mesmo tempo, algo que escapa à esta definição.

Pensando na *vida cotidiana*, diferentes particularidades que se relacionam fazem do exercício de conceituar a sua espacialidade um ‘*carregar água na peneira*’, lembrando Manoel de Barros. Isto é, por mais que busquemos uma aproximação entre a teoria e a realidade, existem, na prática, movimentos que pouco são considerados na análise.

É dessa maneira que o método das formas-conteúdo do *cotidiano* ganha vida na teoria e na prática, pois é no diálogo ininterrupto de uma com a outra que a metamorfose dos *conteúdos* nas relações com as *formas* que é trabalhada ganha sentido na prática social. O que pode implicar, diante disso, em transformações na realidade social a partir da *práxis*.

Tendo em vista trazer mais um elemento para fundamentação do método aqui proposto, Harvey (2018) faz uma alusão das formas-conteúdo da circulação do Capital com o ciclo hidrológico. O autor considera “particularmente interessante é que o movimento cíclico de H₂O implica alterações de formas” (HARVEY, 2018, p. 16), ou seja, entre os estados líquido, sólido, gasoso e suas variações, as suas *formas* se alteram. Ele continua a discorrer sobre: “O que me agrada nesse modelo é que ele descreve a molécula H₂O sob diferentes formas e estados, e em diferentes velocidades, antes de retornar aos oceanos para reiniciar o ciclo. O capital se movimentando de maneira muito semelhante”.

Para Harvey (2018), antes de o Capital assumir a forma-mercadoria, passa pela forma-dinheiro, forma-valor, etc., ou seja, tais formas-conteúdo se movimentam indissociavelmente na medida em que as relações sociais capitalistas movimentam a circulação do capital. Aqui, tratando-se do *cotidiano*, estamos demonstrando que a sua compreensão na teoria e na prática podem ser realizadas de modo simples (partindo da palavra) e ampliar-se, do ponto de vista de análise e de compreensão, na medida em que se aproxima do seu nível conceitual.

E como iremos analisar a obra de Cavalcanti de acordo esse método? Como apontado acima, o debate sobre o *cotidiano* avança na geografia brasileira a partir da década de 1990². Nesse contexto, nas pesquisas de Cavalcanti passam cada vez mais a se fazer presente a utilização do *cotidiano*, especialmente a partir da publicação da sua tese em 1996. Diferente de outras análises que realizamos, a obra de Cavalcanti apresenta especificidades nas suas pesquisas, dentre outras que iremos demonstrar está a presença de Vygotsky (1993) e das suas relações com os *conceitos científicos* e *conceitos cotidianos* e o entrelaçamento entre o avanço das pesquisas voltadas para a investigação do urbano, da cidade, e as influências de Henri Lefebvre, ambos a partir da década de 1990.

Estes pontos citados vão agregando *conteúdo* às *formas* como o *cotidiano* é trabalhado na obra de Cavalcanti, processo este que ocorre em diálogo com os avanços desse debate na geografia brasileira a partir do contexto de 1990. É dessa maneira que a obra da autora demonstra estes entrelaçamentos e iremos caminhar pela investigação da obra de Cavalcanti a partir das bibliografias publicadas em 1990. Nesse percurso, demonstraremos como o entrelaçamento citado ocorre ao longo de outras publicações, desembocando no livro *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana, 2008*, o qual define o fim do recorte do nosso objeto de estudo neste artigo e constitui-se como a nossa análise central.

² Realizamos a análise dos PCNs de Geografia de 1998, livros e artigos publicados ao longo de 1990, produção bibliográfica de grupos de pesquisas cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e da BNCC de Geografia para demonstrar as emergências, avanços e multiplicidades teóricas-metodológicas do cotidiano na geografia brasileira (ARAUJO, 2021a).

Assim, colocamos em movimento histórico os avanços da composição teórica-conceitual do *cotidiano* na geografia brasileira dentro da obra de Cavalcanti. Notamos que, tanto na obra da autora, quanto em parte das pesquisas deste contexto - dito por nós em outras análises (ARAUJO, 2020, 2021a, 2021b) - há uma certa continuidade e descontinuidade acerca da emergência e do avanço nas discussões acerca do *cotidiano*. Parafraseando Manoel de Barros, estamos buscando 'encher os vazios', que muitas vezes fazem parte do debate sobre o que é o *cotidiano* do ponto de vista geográfico (algumas vezes trabalhado como qualquer coisa em qualquer tempo e lugar, e outras como homogêneo a todo espaço e tempo), com 'as nossas peraltagens', mesmo que muitas vezes mal sucedidas.

O COTIDIANO NA GEOGRAFIA DA DÉCADA DE 1990: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO A PARTIR DA OBRA DE LANA DE SOUZA CAVALCANTI

A construção de um conceito não nasce de um exercício teórico desvinculado da prática social. Nesse sentido, as *palavras* emergem, avançam e se multiplicam na prática social por causa de diferentes variáveis históricas, econômicas, políticas e tecnológicas. Por isso que as buscas sucessivas de superações teórico-conceituais e metodológicas visando a investigação da realidade social em movimento são constantes e vivas no interior do conhecimento das ciências humanas.

É dessa maneira que o *cotidiano* emerge, avança e se multiplica por diferentes formas-conteúdo na geografia brasileira, especialmente na década de 1990. A partir desse contexto, a investigação da espacialidade da vida cotidiana, com base no escopo teórico-conceitual da geografia, começa a pulsar cada vez mais em direção ao conceito, como aponta pesquisas Araujo (2020, 2021a, 2021b) por meio da análise de documentos, bibliografias e artigos.

Pensando em dar amplitude às análises realizadas até o momento e levantar elementos que possam vir auxiliar futuras pesquisas iremos dialogar nesse artigo com a obra de Cavalcanti. Quando falamos de obra, estamos nos referindo ao conjunto da produção intelectual da autora, especialmente até a publicação do livro que iremos analisar: *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana, 2008*.

As publicações de Cavalcanti desde a década de 1990 podem ser consideradas como um dos marcos da emergência das discussões do *cotidiano* na sua obra e no ensino de geografia, devido às influências que a obra desta autora pode ter recebido de uma parte da contextualização da geografia brasileira. Destacamos aqui três eixos que aparecem de modo constante nas pesquisas de Cavalcanti que atravessam a composição teórica-conceitual do *cotidiano*: o primeiro são as influências de Vygotsky (1993); o segundo, debates crescentes envolvendo as problemáticas sobre a cidade e o urbano; e o terceiro, as influências diretas ou indiretas da obra de Henri Lefebvre.

Cavalcanti entre os anos de 1993-1996 estava vivenciando a realização do seu doutorado na Universidade de São Paulo - USP. Os artigos publicados pela autora nesse contexto tem como uma das preocupações centrais o processo de renovação da geografia que ocorria desde os anos de 1970, tendo em vista levantar a problemática: em que medida essa renovação se fazia presente na prática do ensino de geografia nas escolas. Nestes textos as formas-conteúdo do *cotidiano* emerge timidamente, mais avançando na medida que o nível da vivência dos alunos e o reconhecimento de que o processo de ensino-aprendizagem deve ser realizado a partir desse nível ganhava força (CAVALCANTI, 1993, 1995, 1999).

Cavalcanti (1999, p. 42) aponta que o estudo da cidade e espaço urbano “[...] tem adquirido relevância nas propostas curriculares, em virtude da preocupação com a vinculação entre os conteúdos sistematizados e os conteúdos da vida cotidiana do aluno e de sua cultura”. O artigo indica a cidade configura-se cada vez mais como elemento central para analisar os impactos da globalização que avançava na época e como isso poderia alterar e proporcionar investigações sobre os conteúdos da vida cotidiana.

Você deve estar se perguntando o que Vygotsky tem a ver com a emergência e avanço das pesquisas sobre o *cotidiano*, principalmente se visualizarmos de hoje o debate sobre essa dimensão conceitual da realidade, onde o *cotidiano* aparece de modo predominante vinculados a obra de Henri Lefebvre e aos autores que o utilizam como base teórica-conceitual na geografia. Mas Vygotsky (1993), no livro *Pensamento e Linguagem*, em discordância com a apreensão dos conceitos espontâneos de Piaget, constrói a relação entre os *conceitos científicos* e os *conceitos cotidianos*, isto é, embora os conceitos possam aparecer espontaneamente, a sistematização do conhecimento científico é fundamental para elucidá-los.

Essa relação entre os *conceitos científicos* e os *conceitos cotidianos* aparecem de modo recorrente na obra de Cavalcanti a partir das suas publicações da década de 1990 (CAVALCANTI, 1993; 1995) e na sua tese de doutorado defendida em 1996 - respectivamente investigadas em alguma medida por pesquisas (ARAUJO, 2021a, 2021b). A autora, quando questionada em uma entrevista sobre como chegou às discussões sobre as representações sociais e a construção do conhecimento, ressalta que:

A questão principal da minha pesquisa foi formulada com base em questionamentos do próprio Vygotsky: “o que acontece na mente da criança com os conceitos científicos que lhe são ensinados na escola?” Orientado por essa preocupação, Vygotsky desenvolve uma teoria sobre o processo de formação de conceitos na criança, na qual são importantes os conceitos científicos e os conceitos cotidianos. Segundo esse autor, o conceito se forma na mente da criança (e eu diria de qualquer pessoa) a partir de dois processos, o desenvolvimento dos conceitos cotidianos e dos conceitos científicos, processos que se relacionam e se influenciam constantemente. Fazem parte, na verdade, de um único processo: o desenvolvimento da formação de conceitos, que é afetado por diferentes condições externas e internas, mas que é essencial um processo unitário. No nível de abstração e de generalização, o processo de formação de conceitos cotidianos é “ascendente” e impregnado de experiência; os conceitos científicos surgem de modo contrário, seu movimento é “descendente”, começando com uma definição verbal com aplicações não espontâneas e passando a adquirir maior concretude, impregnando-se na experiência. Pois bem, esse entendimento de formação de conceitos destaca a importância dos conceitos cotidianos (CAVALCANTI, 2006, p. 6-7).

Dessa maneira o movimento ‘ascendente’, ou seja, a construção do conhecimento a partir da prática social, da espacialidade e do conteúdo da vida cotidiana, colocava cada vez mais em foco essa tendência da emergência e avanço do debate do *cotidiano* na obra da autora. Esse processo de elucidação da relação entre *conceitos científico* e *conceitos cotidianos* atravessa parte considerável das pesquisas de Cavalcanti e desemboca na publicação que iremos analisar da autora (CAVALCANTI, 2008), que está em diálogo com a dimensão da vida urbana cotidiana.

Na década de 1990, houve uma intensificação do processo de atualização no que diz respeito aos estudos sobre a cidade, o urbano e o cotidiano. As passagens de uma compreensão da organização do espaço à uma produção do espaço foram demonstradas inicialmente em Carlos (1981) e posteriormente, já com tais concepções amadurecidas e com a corrente marxista-lefebvreviana estabelecida, em Carlos (2011).

Nesse momento, avança o processo de sistematização e aprofundamento nos estudos da obra de Henri Lefebvre na geografia brasileira. Dessa maneira, as suas concepções de produção do espaço e de *cotidiano* passam a influenciar cada vez mais as diferentes temáticas dessa área de conhecimento. Pesquisas como as de Carlos (1994), Damiani (1994) e Alves (1999) indicam a inclinação crescente da geografia a essas problemáticas.

Segundo Damiani (1994), o tema do *cotidiano* nesse momento se generalizou, referindo-se a qualquer tempo e/ou espaço. A autora aponta que: “Pessoalmente, e apoiada, especialmente, em Henri Lefebvre, não o trabalhei dessa maneira. O tema se atualiza. Ajuda-nos a refletir o mundo atual, está circunscrito, não diz respeito a qualquer tempo ou lugar” (DAMIANI, 1994, p. 434).

Cavalcanti, que realizou o seu doutorado sob a orientação de José William Vesentini, vivencia, academicamente e de perto, os processos de atualização relatados. Nos textos de Vesentini (1987; 1989) se fazem presentes citações e referências de livros de Henri Lefebvre. Este autor foi utilizado para compor partes dos textos de Vesentini que tratavam das perspectivas teórico-metodológicas dos avanços a respeito da discussão do espaço geográfico muito latente na época, advindo do processo que a geografia mundial estava vivenciando naquele momento a partir da sua renovação teórico-metodológicas dos anos de 1970.

Esse ponto é importante para destacarmos que a utilização de Lefebvre por Vesentini (1987; 1989) se dava nesse sentido e não visando necessariamente o aprofundamento teórico-conceitual do *cotidiano* ou da produção do espaço. Ao mesmo tempo, serve também para demonstrarmos que, direta ou indiretamente, textos de Henri Lefebvre podem ter feito parte da formação ao longo do doutorado de Cavalcanti, pois tais debates estavam emergindo nesse contexto da geografia brasileira.

Através da análise da obra da autora, percebemos que as influências de Henri Lefebvre sobre a obra de tal autora se deram especialmente por outro caminho. Em Cavalcanti (1993, 1995, 1996 e 1999) apresentam-se, nas citações e referências, textos de Henri Lefebvre como os livros *A vida cotidiana no mundo moderno* e *O direito à cidade*, e livros de Carlos como *A cidade e o Lugar no/do Mundo*. Assim, a forma-conteúdo com que Cavalcanti trabalha o *cotidiano* localiza-se no limbo das inclinações para uma perspectiva *categorial*, embora neste momento não alcance elementos para pensar o *cotidiano* do ponto de vista geográfico.

Nesse momento, nota-se a simultaneidade dos avanços das pesquisas da geografia urbana com base em Henri Lefebvre e as suas influências direta ou indiretas no ensino de geografia. Livros como *A geografia na sala de aula* e os *Novos caminhos da geografia*, organizados por Carlos (1999a; 1999b); e a *Reforma no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia*, organizado por Oliveira (1999) apresentam o entrelaçamento do urbano, do ensino e das contribuições do ensino para a emergência e avanços da composição teórica-conceitual do *cotidiano*. “Embora os textos sejam independentes há uma certa relação teórica entre eles, pois na maioria dos artigos é notável a presença de Henri Lefebvre [...] embasando as reflexões sobre o espaço geográfico” (PONTUSCHKA, 2006, p. 117).

Convergente a isso, mas por outro caminho, pensando na emergência e avanço dos conteúdos do *cotidiano*, tivemos, especialmente na transição da década de 1980 para 1990, a reafirmação do campo da geografia escolar como também construtora de conhecimento científico. Nesse âmbito, na medida em que a construção do conhecimento e conceitos geográficos passavam a ser cada vez mais situados a partir da prática dos sujeitos sociais, os alunos, pensando no ensino-aprendizagem, a dimensão da vida cotidiana adquiria cada vez mais importância nas pesquisas de geografia. É possível visualizar esse movimento em livros como *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano* e *Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões*, organizados por Castrogiovanni (2000a; 2000b).

É dessa forma que as discussões do *cotidiano* emergem, avançam e se multiplicam na teoria e na prática do conhecimento geográfico. Para tanto ocorreram dois movimentos simultâneos:

1. Os anos de 1990 correspondem ao momento em que, na geografia acadêmica, aconteciam as atualizações teórico-conceituais do cotidiano, especialmente sob a influência de Henri Lefebvre (1901 - 1991) e a sua propagação crescente nos estudos de diferentes temáticas da geografia humana.
2. A importante e necessária reafirmação do campo da geografia escolar como construtora do conhecimento geográfico; defendendo e construindo possibilidades metodológicas para a formação dos conceitos geográficos partindo da vivência dos alunos - exercício este que contribuiu para os avanços da composição teórica-conceitual do cotidiano (ARAÚJO, 2020, p. 5).

A análise da obra de Cavalcanti apresenta o entrelaçamento destas duas hipóteses no conjunto de suas pesquisas sobre o urbano, o ensino e o *cotidiano*. A partir disso, como aponta o Araujo (2021a, p. 66), o cotidiano pode ter se multiplicado em diferentes temáticas de pesquisas e práticas de ensino da geografia brasileira, com uma pluralidade de formas com que é trabalhado. No interior da obra de Cavalcanti (2006) tal entrelaçamento se dá principalmente a partir da hipótese dois, pensando a construção do conhecimento geográfico a partir da prática social e é nesse ponto que está a importância dada aos *conceitos cotidianos* pela autora.

Outro fator relacionado a isso é a colocação do espaço vivido pelos alunos como dimensão principal para a construção do conhecimento e dos conceitos geográficos - usando as palavras de Cavalcanti (2006): *conceitos geográficos cotidianos* -, movimento que ocorre de modo crescente a partir da transição entre a década de 1980 e a de 1990. Na medida que esse processo era colocado em curso, o *cotidiano* nas formas-conteúdos de *palavra, conhecimento cotidiano e abordagem* faziam-se cada vez mais presentes nas produções bibliográficas da geografia brasileira.

Cavalcanti (2016) destaca que as pesquisas sobre o ensino de geografia no Brasil foram se tornando cada vez mais visíveis a partir dos anos de 1990, progressivamente aumentando o número de interessados nessa linha de pesquisa ao longo do século XXI. Junto às problemáticas da autora e de parte dos apontamentos do ensino de geografia brasileira, ocorriam, simultaneamente, críticas envolvendo as transposições didáticas, tendo como resultado o fortalecimento da pertinente tese de que os professores devem ser os mediadores no processo de ensino-aprendizagem em geografia, partindo, principalmente, da espacialidade da vida cotidiana dos alunos.

Esses processos concomitantes favoreciam, por um lado, o crescente espaço do ensino de geografia como campo de produção de conhecimento na academia,

ultrapassando cada vez mais os muros da transição didática; por outro, a valorização da espacialidade da *vida cotidiana* dos alunos para a produção e realização do ensino-aprendizagem na geografia. Tais processos, que muitas vezes se relacionam contraditoriamente, fizeram com que as problemáticas em torno do *cotidiano* passassem cada vez mais a fazer parte do âmbito da produção do conhecimento geográfico.

Esses processos se refletem também na obra de Cavalcanti, uma vez que a autora dedica-se a identificar e relacionar o que chama de diferentes 'geografias':

Poder-se-ia dizer que há, nesse sentido: 1- a *geografia cotidiana*, aquele conhecimento espacial que é produzido e utilizado por todas as pessoas em sua constante lida com as coisas do mundo ao seu redor, que contém elementos do senso comum, ele próprio composto também por conhecimentos científicos; 2 - a *Geografia acadêmica*, o conhecimento produzido por pesquisas no âmbito da ciência geográfica e sistematizado para ser veiculado na comunidade de geógrafos (incluindo os que estão em processo de formação inicial) e 3 – a *Geografia escolar*, a produzida, organizada e praticada nas escolas. São estruturas específicas, distintas, mas que têm como referência principal a ciência geográfica (CAVALCANTI, 2016, p. 403, *grifos nossos*).

Estes são os três pilares que norteiam as práticas e pesquisas da autora. A *geografia cotidiana* carrega em si as conotações da importância dos conceitos cotidianos e, em alguma medida, os avanços das pesquisas envolvendo o cotidiano na geografia brasileira. A *geografia acadêmica*, por outro lado, auxilia com conteúdos e sistematização dos conhecimentos científicos de momentos recentes. E a *geografia escolar* apoia com os interesses de pesquisas ampliados na geografia, com as suas renovações teórico-metodológicas. Estes pilares demonstram um amadurecimento e avanço teórico-conceitual sobre o tratamento da forma como Cavalcanti trabalha o *cotidiano*.

Assim, os estudos sobre o *cotidiano* emergia na contextualização dos anos de 1990 na geografia brasileira na medida que avançavam as pesquisas do estudo do urbano e a cidade, e o reconhecimento no nível da vivência no processo de ensino-aprendizagem em geografia na escola. Havia com isso um paulatino amadurecimento da composição teórico-conceitual do *cotidiano* na geografia, refletindo esse processo na obra de Cavalcanti.

A GEOGRAFIA ESCOLAR E A CIDADE: ENSAIOS SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA A VIDA URBANA COTIDIANA

Inicialmente, colocamos em relevo que a análise desse livro se deu em diálogo com o método explicado na introdução deste artigo. Colocando tal método em movimento, notamos que, nos textos de Cavalcanti e de diferentes autores citados na seção anterior, o *cotidiano* estava em emergência e avanço na geografia brasileira. Ou seja, a forma como o *cotidiano* era trabalhado pulsava em direção a uma compreensão conceitual, mas ainda não o era naquele momento, abrindo a possibilidade para a compreensão desse processo a partir das formas-conteúdo de *palavra, conhecimento cotidiano e abordagem*.

Dessa maneira, no conjunto dessas pesquisas, o método das formas-conteúdo aponta um caminho metodológico para se pensar a passagem da *palavra* ao *conceito* e daí geograficamente. Além disso, como apresentado na seção anterior, o método das formas-conteúdo pode identificar as diferentes formas e os

conteúdos de como um 'conceito' é trabalhado no processo histórico dos avanços e emergências teórico-conceituais da ciência geográfica. Este artigo, com base na análise da obra de Cavalcanti, apresenta os amadurecimentos recentes deste método inicialmente desenvolvidas em outras pesquisas (ARAUJO, 2020, 2021a, 2021b).

O estudo da obra de Cavalcanti realizado neste artigo utilizando-se do método das formas-conteúdo demonstra um outro caminho para se pensar esse processo. Ao relatar a realidade do ensino de geografia nos primeiros anos do século XXI a autora aponta para dimensões importantes como o lugar é a vida cotidiana, tendo o cotidiano como o lugar do desejo; como também a necessidade da relação local-global considerando as superposições de escalas e a formação dos conceitos destacando as relações necessárias entre cotidiano e mediação pedagógica. Para tanto, Cavalcanti (2008, p. 31-32, *grifos nossos*) tem “[...] insistido na ideia de que encaminhar o ensino por meio dessa orientação requer um olhar atento para os *conhecimentos cotidianos* dos alunos, especialmente seus conhecimentos a respeito do lugar”.

Aqui visualizamos uma outra tensão que atravessa o livro em análise: o lugar e o cotidiano. O primeiro muitas vezes é entendido como conceito geográfico, carregando em si um ônus epistemológico de diferentes discussões e perspectivas de investigação. Mas no caso do *cotidiano*, a forma-conteúdo que aparece sendo trabalhada nesta produção da autora, em certos momentos, tende a compreensão do que estamos colocando como *conhecimento cotidiano e/ou abordagem*. Observamos isso quando a autora elucida a sua visão sobre o conceito de lugar.

O lugar é, portanto, o habitual da vida cotidiana, mas, por outro lado, também é por onde se concretizam relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundial com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e da realização de resistência à globalização (CAVALCANTI, 2008, p. 50).

Nesse sentido, o lugar representa uma dimensão conceitual, ou seja, uma composição teórico-conceitual carregada de significados teóricos e práticos por diferentes perspectivas na geografia. E a vida cotidiana? Tanto a citação acima quanto passagens do livro de Cavalcanti (2008, p. 56, *grifos nossos*) como: “na cidade, as pessoas produzem sua *vida cotidiana mais elementar*, em casa, em sua privacidade, no contato com seus amigos e familiares”; “o ensino que busca a formação de conceitos aborda esse tema propiciando o *encontro/confronto da experiência imediata e cotidiana* dos alunos com a sua realidade e os conceitos científicos pertinentes” (CAVALCANTI, 2008, p. 58, *grifos nossos*) entre outras, demonstram a forma-conteúdo do *cotidiano* como base da compreensão espacial imediata do alunos e da construção dos conceitos geográficos, como o de Lugar ou a sua dimensão mais próxima da sua realidade como a cidade.

A dimensão do *cotidiano*, embora ainda não compreendida enquanto conceito, vai deixando de estar no nível do insignificante, isto é, aquilo que é muitas vezes visto como pequeno, sem riqueza, sem importância, e passa cada vez mais a agregar conteúdos às formas com as quais é trabalhada. Isso porque o *cotidiano* pulsa cada vez mais em direção às formas-conteúdo de *conhecimento cotidiano e abordagem*. Em outras palavras, seu conteúdo vai sendo utilizado tanto como ‘trampolim’ para que, a partir do espaço vivido, a análise da espacialidade da vida cotidiana seja exercitada, quanto também como dimensão essencial para a

formação dos canonicamente considerados conceitos-chaves da geografia: região, território, paisagem, espaço, lugar, entre outros.

É dessa forma que o *cotidiano* também é trabalhado quando relacionado às questões sobre a cidade e a vida urbana no livro analisado, mas, nesse sentido, o nível da vida cotidiana adquire algumas particularidades. Como dito acima, as pesquisas envolvendo as cidades e o urbano cresceram sensivelmente ao longo da segunda metade do século XX e no Brasil há uma continuidade/descontinuidade teórica-conceitual com o avanço da sistematização dos estudos dessa perspectiva com base em Henri Lefebvre na década de 1990.

[Nesse contexto] no ensino de Geografia, o tema da cidade já integra o conteúdo curricular de nível fundamental, seja na 1º fase, com o estudo do bairro e do município, seja na 2º fase, com o estudo do processo de urbanização da sociedade brasileira e mundial e com o estudo do conceito de cidade e espaço urbano. Nos últimos anos, todavia, esse tema tem adquirido relevância nas propostas curriculares, em virtude da preocupação com a vinculação entre os conteúdos sistematizados e os conteúdos da vida cotidiana do aluno e de sua cultura. Essa relevância aparece, por exemplo, na proposta político-pedagógica "Escola para o século XXI" da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, que tem como projeto temático "a cidade e a cidadania" (1998). Nessa proposta, a relação cidade e cidadania é eixo temático da proposta curricular, e não apenas de Geografia, o que aponta para o reconhecimento do caráter interdisciplinar do estudo da cidade (CAVALCANTI, 1999, p. 42).

Dessa maneira, ao longo do século XXI as problemáticas envolvendo o urbano e a cidade cresciam também no ensino de geografia. Assim, as pesquisas nessa linha foram assumindo que "a cidade é um livro escrito que precisa ser decifrado por seus cidadãos (Lefebvre, 1991), e a escola tem um papel importante nesse sentido" (CAVALCANTI, 2008, p. 82). Além disso, "se a escola assume o tema da cidade e do urbano como conteúdo educativo, ela necessita promover em suas atividades a possibilidade do confronto entre as diferentes imagens de cidade: *cotidianas e científicas*" (CAVALCANTI, 2008a, p. 82, *grifos nossos*).

Percebemos aqui novamente, como na seção anterior, o entrelaçamento de Vygotsky, dos crescentes debates sobre a cidade e o urbano e das influências de Henri Lefebvre na obra de Cavalcanti. Uma vez que estes dois últimos já foram explicados anteriormente, focaremos no primeiro.

As imagens *cotidianas* e *científicas* da cidade remetem às concepções de conceitos cotidianos e conceitos científicos derivados do debate que Cavalcanti (2006) realizou a partir de Vygotsky (1993). Segundo a autora, as suas concepções subjetivas, familiares e práticas individualizadas na cidade podem contribuir para a construção de conceitos *cotidianos* sobre ela; ao mesmo tempo, as imagens científicas sobre a cidade podem levar elementos para se pensá-la do ponto de vista global, científico. Assim, a dimensão da *vida cotidiana*, neste caso, com a forma-conteúdo de *abordagem*, demonstra-se necessária para a investigação dos diferentes modos de vida que envolvem o fenômeno urbano: cultura, periferia, centralidade, rural-urbano, entre outros.

Nessa linha de raciocínio, apresenta-se uma inclinação ou, para retomar o termo que já utilizamos, um entrelaçamento com a concepção de *sociedade urbana*. "[...] Destaca-se que a *sociedade urbana* tem-se tornado mais complexa, mais individualizada e mais multi e intercultural; nela, os comportamentos urbanos diversificaram-se, ao passo que algumas pautas culturais globalizaram-se e homogeneizaram-se" (CAVALCANTI, 2008, p. 17).

A discussão de *sociedade urbana* deriva de Henri Lefebvre, especialmente do seu livro *A Revolução Urbana*, como referenciada no livro da autora. Essa concepção é uma hipótese teórica apresentada no início do livro citado que tem como pressuposto de que o *cotidiano* generalizou/intensificou-se com o avanço do fenômeno urbano em nível global. Isso se faz presente tanto ao longo da obra de Lefebvre, quanto nas pesquisas que nela se baseiam, como por exemplo as de Carlos (2005; 2006), também referenciadas por Cavalcanti (2008).

A utilização dessa concepção por Cavalcanti (2008) e o modo como atravessa diferentes noções ao longo do livro analisado, incluindo a vida cotidiana, colocou em questão a estrutura do método que construímos até o momento. Isso porque a nossa definição de *categoria* corresponde a quando se parte de uma corrente de método para a sua investigação, neste caso, a do cotidiano. Em contrapartida, a composição teórica-conceitual do *cotidiano* é trabalhada por diferentes formas-conteúdos e cruzada por diferentes perspectivas teórico-metodológicas como apresentado até o momento.

Diante disso, segundo Cavalcanti (2008) podemos situar o estudo da cidade no ensino de geografia objetivando fazer entender a *vida cotidiana* das pessoas que habitam a cidade e nela atuam com suas atividades e organizações espaciais delas decorrentes. “Entre essas atividades, destacam-se as de lazer, de educação, de trabalho e de descanso; são elas que orientam a produção do espaço urbano” (CAVALCANTI, 2008, p. 65). É nesse sentido que a investigação sobre a cidade e o urbano no ensino de geografia buscam relacionar indissociavelmente “a produção da cidade refere-se à produção da vida cotidiana das pessoas que nela vivem e atuam - suas atividades e arranjo espacial decorrente dessas atividades - e à produção econômica nela realizada, que diz respeito às atividades diretamente produtivas” (CAVALCANTI, 2008, 88-89).

Dessa maneira, o estudo das cidades a partir da vivência dos alunos pode elucidar, ao nível da práxis, ao nível da história de vida dos indivíduos, as contradições do espaço urbano da sua escola e do entorno da sua casa. Isso pode conduzir, por exemplo, os garotos da periferia urbana, filhos de família da classe trabalhadora, a entenderem que suas condições materiais, a história da população da espacialidade da sua *vida cotidiana*, podem estar diretamente relacionadas a valorização do espaço urbano, das áreas centrais, construindo assim as periferias e negando muitas vezes direitos básicos como educação, saúde, transporte público, condições de moradia, saneamento básico, entre outros.

O nível da espacialidade da vida cotidiana representa uma rica possibilidade de construir situações problemas sobre a localidade mediante, em algum grau, a relação com o global. No entanto, “[...] continua a ser um desafio trabalhar com situações-problemas, buscando a formação de um pensamento conceitual para servir de instrumento da vida cotidiana, tendo em mente tempo a complexidade do mundo contemporâneo e o contexto local em que se encontra” (CAVALCANTI, 2008, p. 37).

A autora retoma a discussão de direito à cidade, compreendendo isso como uma possibilidade para a construção de uma gestão urbana participativa, e aponta que:

Orientar o ensino para essa direção requer um olhar atento para a geografia cotidiana dos alunos. É no encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por essa ciência, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do vivido. Assim, deve-se levar em

conta o lugar e a realidade cotidiana do aluno, com o pressuposto de que isso torna o ensino mais significativo e o aluno mais interessado pelas atividades escolares (CAVALCANTI, 2008, p. 142).

Identificamos que a obra de Cavalcanti (2008) oferece elementos para identificarmos os avanços teórico-metodológicos da composição teórico-conceitual do cotidiano 'nas geografias' da autora e, em certa medida, nos seus entrelaçamento com a emergência das pesquisas a respeito do *cotidiano* na geografia brasileira.

Desse modo, as formas-conteúdos do *cotidiano* presentes na obra da autora e, especialmente, neste livro analisado, o qual teve e continua tendo significativo impacto na formação de professores de geografia no Brasil, podem ter se multiplicado na teoria e na prática do fazer e construir conhecimento nesta área. Isso tanto do ponto de vista da formação e da pesquisa, como também da *abordagem geográfica*, servindo de base teórico-metodológica para a construção dos conceitos-chaves da geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haja vista que o *cotidiano* vem emergindo, avançando e se multiplicando, com suas continuidades/descontinuidades, na área de geografia no Brasil especialmente a partir dos anos de 1990, apontamos como uma problemática geral a significativa utilização do *cotidiano* em diferentes temáticas e perspectivas da geografia, mas sem necessariamente um encadeamento teórico-conceitual para pensar a sua construção enquanto conceito geográfico. O *cotidiano* apresenta nesse cenário uma riqueza de pluralidade de conteúdos que podem lhe ser atribuídos e ao mesmo tempo uma contradição que pode revelar os limites teóricos e práticos da maneira que está sendo utilizado na geografia brasileira.

A análise da obra de Cavalcanti apresenta a crescente utilização da discussão do *cotidiano* a partir do contexto do final do século XX. Na sua produção o *cotidiano* foi de maneira constante utilizado na perspectiva da análise da cidade e da urbanização e, por outro lado, considerando a dimensão do vivido como possibilidade para a construção do conhecimento geográfico a partir da prática social. Para tanto a autora trabalha com dois pontos de vista teóricos que envolvem os aspectos característicos da sua pesquisa. De um lado Vygotsky com os conceitos científicos e conceitos cotidianos e, sob outra perspectiva, os diálogos com a emergência e autores que estava aprofundando os estudos da obra de Henri Lefebvre.

Embora na obra da autora tenha elementos que tendencialmente configurem a sua interpretação do *cotidiano* a partir de Lefebvre e de autores da perspectiva marxista-lefebvreviana, se faz presente também uma contradição teórica visto que Vygotsky é de uma linha teórico-metodológica diferente daquele autor. Uma vez trabalhados juntos no avanço da composição teórica-conceitual do *cotidiano* na obra de Cavalcanti elucida o que estamos conceituando de *multiplicidade teórica-metodológica do cotidiano*, isto é, o *cotidiano* vem sendo trabalhado de maneira plural na geografia sem necessariamente uma linha de raciocínio que conduza a sua construção conceitual do ponto de vista geográfico.

O método das *formas-conteúdos* abre possibilidade para pensarmos nos avanços paulatinos no modo como o *cotidiano* vem sendo trabalhado na geografia. Em certa medida, também abre para pensarmos como os conteúdos vão sendo agregados à discussão do *cotidiano* e como isso vai avançando na contextualização histórica da geografia brasileira a partir dos anos de 1990. Demonstramos neste e

em outras pesquisas a agregação de conteúdos em torno da *forma* como o *cotidiano* é trabalhado na produção bibliográfica da geografia a partir da obra de Cavalcanti. A pesquisa aponta portanto que a agregação de conteúdo não se dá somente a partir da sistematização de pesquisas envolvendo autores, mais também através da sua relação com os significados que damos ao *cotidiano* na sua relação com a prática dos sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. da A. Cidade, cotidiano e TV. *In*: CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, p. 134-144.

ARAUJO, M. R. A composição teórico-conceitual do cotidiano nos PCNs e BNCC de Geografia: da palavra ao conceito geográfico. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 103, jan.-jun. 2020 Disponível em: <<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1952>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

ARAUJO, M. R. **O cotidiano na produção bibliográfica da geografia brasileira**: uma análise das produções de geógrafos e geógrafas a respeito do ensino de geografia. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021a.

ARAUJO, M. R. O cotidiano nos boletins goiano e gaúcho de geografia: uma investigação da emergência e avanço da discussão da década de 1990. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 23, p. 260-278, 6 set. 2021b. Disponível em: <<https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/786>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999a.

CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999b.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf>.

CARLOS, A. F. A. O direito à cidade e a construção da metageografia. **Revista Cidades**, v. 2, n. 4, p. 221-247, set./out. 2005.

CARLOS, A. F. A. A segregação como fundamento da crise urbana. *In*: SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, L. C.; DANTAS, E. W. C. (Orgs.). **Panorama da geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 47-56.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 123. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CARLOS, A. F. A. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. *In*: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de S.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, p. 53-75.

CARLOS, A. F. A.; LENCIONI, S. A apropriação capitalista do espaço geográfico. *In*: LIMONAD, Ester (Org.). **E.t.c - Espaço, Tempo e Crítica**. 1.ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019 [1981], p. 307-308.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000b.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: UFRGS, 2000a.

CAVALCANTI, L. de S. **A construção de conceitos geográficos no ensino**: uma análise de conhecimentos geográficos em alunos de quinta e sexta séries do ensino fundamental. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia Escolar e a Cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. São Paulo: Papyrus, 2008.

CAVALCANTI, L. de S. A problemática do ensino de geografia vinculada nos encontros nacionais da AGB (1976-1986): Um levantamento preliminar. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1-23, Jan./Dez. de 1995. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4326/3790z>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CAVALCANTI, L. de S. de S. Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-19, 1993. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4342/3805>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CAVALCANTI, L. de S. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. *In*: CASTELLAR, S. (Org.). **Educação Geográfica**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007, p. 66-78.

CAVALCANTI, L. de S. A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 41-55, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123346>. Acesso em: 23 Out. 2021.

CAVALCANTI, L. de S. Para onde estão indo as investigações sobre ensino de geografia no Brasil? Um olhar sobre elementos da pesquisa e do lugar que ela ocupa nesse campo. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 36, n. 3, p. 399-419, Set./Dez, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/44546>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CAVALCANTI, L. de S. Propostas Curriculares de Geografia no Ensino: Algumas Referências de Análise. **Terra Livre**, n. 14, p. 399-419, Set./Dez, 1999.

CAVALCANTI, L. de S. Entrevista com a professora Lana de Souza Cavalcanti. [Entrevistadores: Diógenes Luiz da Silva e Vânia do Carmo Barreto da Silva]. **Revista Tamoios**, UERJ, v. 2, n. 3, p. 1-14, Jul./Dez., 2006. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/608/640>>. Acesso em: 23.09.2021.

DAMIANI, A. L. O cotidiano na metrópole. **5º Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Curitiba – PR, 17 de 22 de junho de 1994.

HARVEY, D. **A loucura da razão econômica**: Marx e o capital no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2018.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 78-79.

LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

OLIVEIRA, A. U. de; CARLOS, A. F. A (Org.). **Reforma no mundo da educação**: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

PONTUSCHKA, N. Geografia na sala de aula. **GEOUSP**: espaço e tempo (Online), São Paulo, n. 6, 117-125, Agos./Set. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123369>>. Acesso em: 22 set. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VESENTINI, J. W. **O método e a práxis** (notas polêmicas sobre geografia tradicional e geografia crítica). Terra Livre, [S. l.], n. 2, 2015 [1987]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/44>. Acesso em: 22 set. 2021.

VESENTINI, J. W. Geografia crítica e ensino. *In*: OLIVEIRA, A. U. de. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989, p. 30-38.